

Dívida externa, palavra proibida

Por **LUIZ CARLOS BRESSER-PEREIRA***

A Terra é Redonda, 28.11.2024

Dívida externa é palavra proibida porque os países ricos e suas instituições financeiras querem que os países em desenvolvimento continuem se endividando em moeda estrangeira

A senhora Kristina Georgieva é diretora-geral do Fundo Monetário Internacional (FMI). Nesta semana ela concedeu uma grande entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*, na qual emendou lugares comuns um em lugar do outro. Falou apenas de déficit público e dívida pública.

Ela aprendeu esses lugares comuns e a teoria econômica neoclássica na Universidade de Sofia, Bulgária, e depois na *London School of Economics* e no M.I.T. em Cambridge, Massachussetts.

Na entrevista, embora o FMI tenha sido criado para dar apoio aos países cuja dívida externa (externa, não pública), ela não disse uma palavra sobre a dívida externa, a apreciação cambial que provoca, e o risco de crise de balanço de pagamentos.

Por quê? Porque ‘dívida externa’ é palavra quase proibida; quem a usa não está ‘se comportando bem’ perante o Império ou o Norte Global. É proibida porque os países ricos e suas instituições financeiras querem que os países em desenvolvimento continuem se endividando em moeda estrangeira.

Por isso o Norte Global e a ortodoxia liberal consideram ‘bom’ que o país incorra em déficits na conta corrente – ‘moderados’ naturalmente – para que o Império possa exportar capitais. Déficits que a quase-colônia também considera bons, porque irá ‘crescer com poupança externa’.

Na verdade, os déficits na conta corrente (não os déficits públicos) precisam ser financiados, e os investimentos diretos e empréstimos implicam uma entrada de capitais que valoriza a taxa de câmbio enquanto durar o déficit. As empresas industriais deixam de ser competitivas e não investem.

Dessa forma, a alegria do Império aumenta porque, assim, pode exportar seus capitais e obter lucros que não consegue realizar no Norte, e também aumenta a felicidade dos tolos (trabalhadores, rentistas e economistas ortodoxos).

Que dura enquanto durar o déficit em conta corrente. E temo, assim, a felicidade geral, enquanto os investimentos nos países em desenvolvimento são desestimulados e o consumo e o endividamento externo, encorajados.

Por isso, a senhora Kristina Georgieva, fiel servidora do Império, não fala nem em déficit na conta corrente nem em dívida externa. É uma senhora bem comportada.

***Luiz Carlos Bresser-Pereira é professor Emérito da Fundação Getúlio Vargas (FGV-SP). Autor, entre outros livros, de *Em busca do desenvolvimento perdido: um projeto novo-desenvolvimentista para o Brasil* (Editora FGV) [<https://amzn.to/4c1Nadj>]**

Publicado originalmente nas redes sociais do autor.